

Plágio na ficção de detetive norte-americana? O caso de Metta Victoria Fuller Victor e Anna Katharine Green

Julio Jeha
Universidade Federal de Minas Gerais / CNPq / Fapemig

Se o trabalho de um acadêmico é um processo de pesquisa, análogo à investigação policial, então o estudioso de literatura dá outra volta no parafuso, ao analisar, para entender e revelar, o processo de criação de sentido. Ricardo Piglia mencionou, numa conferência sobre Poe e Borges, que o funcionamento do gênero policial se assemelha à tarefa do crítico literário, que “tenta decifrar um enigma ainda que não haja enigma”.¹ Assim me vi, um crítico-detetive, em busca da pioneira norte-americana nesse gênero ficcional, numa pesquisa genealógica. Se Edgar Allan Poe é indicado na avassaladora maioria das obras de referência como “o pai da literatura de detetive”, quase não se menciona uma contraparte feminina. Depois de vasculhar uma pilha de livros e a internet, deparei-me com o nome de Anna Katharine Green, apontada como a “mãe da ficção de detetive” no título da única obra dedicada a ela, escrita por Patricia D. Maida (1989).

Green parece ter sido uma mulher notável. Filha de um advogado célebre, que a informava sobre assuntos legais e policiais, ela frequentou um *college*, fato raro para as mulheres da sua época. Após uma tentativa fracassada como poeta, Green se lançou à tarefa de escrever *The Leavenworth case*, o que fez às escondidas por seis anos, até publicá-lo em 1878. O esforço foi recompensado com o sucesso imediato do livro e a fama que ele lhe trouxe. Green casou-se com um ator iniciante e o sustentou até que ele se tornasse um aclamado designer de móveis. Mesmo cuidando da família, ela conseguiu produzir quase 40 livros em 45 anos.

Tipicamente, as histórias de Green começam com a descoberta de uma cena de assassinato. O crime resulta de um encontro noturno, fortuito ou não, durante o qual emoções violentas, quase sempre ciúme, conflito entre pais e filhos ou vingança, se chocam. Sem uma força que as controle, essas paixões levam ao assassinato. Os detetives revelam fatos ocultos, pessoas envolvidas, as vidas pregressas dos suspeitos e assim por diante.

Em *The Leavenworth case*, o narrador é o nova-iorquino Everett Raymond, cuja firma representa o milionário Horatio Leavenworth, que é encontrado morto na biblioteca de sua mansão na Quinta Avenida. O caso se configura claramente como um assassinato, e os primeiros suspeitos são os moradores da casa. Eles incluem as sobrinhas de Leavenworth, Mary e Eleanor; seu secretário, um misterioso visitante inglês e os serviçais irlandeses.

Em busca da identidade do assassino está o detetive Ebenezer Gryce, que o narrador descreve como “uma pessoa corpulenta com olhos que nunca penetravam, que nunca nem mesmo se detinham em *você*” (p. 15). Se uma das características marcantes de Gryce é não fazer contato visual direto, o que o narrador considera admirável são suas demoradas considerações sobre as evidências, seu conhecimento profundo da natureza humana (que, por vezes, beira o sexismo do século 19) e sua habilidade em manipular as pessoas ao interrogá-las.

Raymond torna-se o assistente informal de Gryce, o que lhe confere o que hoje chamamos de “o papel de Watson”. Ebenezer Gryce retornaria em outros romances e contos, dentre eles *That affair next door* (1897), *Lost man's lane* (1898), e *The circular study* (1900). Neles, trabalha com outra amadora, Amelia Butterworth.

¹ PIGLIA, Ricardo. Borges y Poe. *El hilo de Ariadna*. 1 (enero 2005), p. 15. Citado por Rosa Pellicer (2006, p. 94).

Ao chegar nesse ponto da pesquisa sobre Green, eu já estava pronto para dar o trabalho por terminado, quando me deparei com um comentário do especialista Otto Penzler, em que ele alerta para o equívoco de considerar Anna Katharine Green a primeira escritora norte-americana de ficção de detetive. Segundo ele, o título caberia a Metta Victoria Fuller Victor.

Metta Victor dedicou-se à literatura popular desde o início de sua carreira, publicando poesia, ficção de enigma, romances sentimentais, contos, romances de cunho social, humor e até livros de receitas. Ela é notável também pela extensão de sua carreira e por sua capacidade de mudar de gêneros literários, atravessando os tempos. Publicou 80 títulos (Carr, *American Women's Dime Novel Project*). Ao contrário de outros escritores de ficção popular, que seguiam uma fórmula, Victor era flexível e se adaptava às mudanças no gosto do público. Seus primeiros textos possuíam um viés sentimental, voltando-se para assuntos como alcoolismo, escravidão e poligamia mórmon. Seus escritos posteriores ganharam um tom mais sensacionalista.

Ela escreveu dois romances de detetive, sob o pseudônimo Seeley Regester, *The dead letter: an American romance*, em 1867, e *The figure eight; or, The mystery of Meredith Place*, em 1869, portanto uma década antes de Anna Green. Nos dois livros, a narrativa gira em torno da investigação de um assassinato, e ambos contam com detetives profissionais ou amadores dedicados à descoberta do criminoso, exploram o que a espionagem e vigilância das casas abastadas podem revelar e são narrados por jovens profissionais cujas experiências em investigar crimes domésticos solidificam seu senso de pertencimento à classe alta.

The dead letter apresenta duas personagens detetive: um profissional contratado pela polícia, chamado Burton, e um amador, o jovem advogado Redfield. Burton possui vários dons, entre eles a capacidade de enxergar o interior das pessoas, a habilidade de segui-las sem que elas o percebam, e a aptidão de inferir o caráter pela caligrafia de alguém. Burton usa um neófito para ajudá-lo, Redfield, advogado e narrador da história. Redfield é sensível, ético e apaixonado por uma das personagens principais. Esse emparelhamento de um detetive sábio, bom e distanciado com um amador, emocionalmente envolvido e membro da classe alta, assim como acontece em *The Leavenworth case*, de Anna Green, estabelece o padrão da ficção de detetive doméstica (Nickerson, p. 32). Aqui, os dois trabalham como uma dupla, mas quando uma investigadora é introduzida, os detetives se tornam rivais, como as histórias de Green vão repetir mais tarde.

O crime em *The dead letter* é o assassinato de um jovem banqueiro de nome Henry Moreland. Uma noite, a caminho da casa de sua noiva, Eleanor Argyll, ele é atacado e morto com uma facada nas costas. Os Argyll são o pai, um advogado rico, famoso e viúvo, a outra filha, Mary, também com idade para se casar, e James, um jovem advogado, também da família. Redfield e James são rivais na aspiração tanto de serem contratados quando o chefe da família se aposentar, quanto de se casar com Eleanor, por quem ambos são secretamente apaixonados. A casa dos Argyll é cuidada por serviçais irlandeses.

Esse resumo do livro mostra que Anna Green não só havia lido a obra de Metta Victor, como se apropriara de muitos elementos do seu texto. Em ambos os casos, o narrador é um jovem advogado que se torna o auxiliar de um detetive contratado pela polícia e que se apaixona por uma das mulheres da família sendo investigada; as duas famílias têm um patriarca não casado e descendentes que se chamam Mary e Eleanor(e); há também uma jovem costureira irlandesa que foge e é perseguida pela polícia. O romance de Green se assemelha também à outra história de detetive de Victor, *The figure eight*, do qual toma emprestado tanto o rico patriarca assassinado enquanto escrevia em sua biblioteca, quanto a chave perdida, que faz o seu dono tornar-se suspeito.

Tais semelhanças, entretanto, passaram despercebidas pelos críticos da época. De acordo com Catherine Ross Nickerson, em *The web of iniquity* (1998, p. 64), esse lapso pode ser explicado pelos diferentes mercados que cada autora atingia: os livros de Victor eram mais baratos, os *dime novels*, enquanto os de Green eram publicados com capa dura, por editoras voltadas para a classe média.

Embora a distância econômica entre os mercados possa explicar porque Green se apropriou de tanto material das histórias de Victor sem ser detectada, isso não elucida o mistério do motivo de duas obras tão semelhantes terem tido destinos tão diferentes. *The Leavenworth case*, de Green, se tornou um best-seller, ao passo que *The dead letter*, de Victor, só era encontrado em coleções particulares até recentemente. Uma resposta pode ser que enquanto a ficção de detetive de Victor explora e aplaude a emergência da classe profissional no período pós-Guerra Civil, foi a história de Green sobre o jovem advogado, que expõe os efeitos colaterais do capitalismo mercantilista, que conseguiu um nicho no mercado de literatura popular das classes média e superior. Outra possibilidade seria o fato de Green ter incorporado à fórmula da ficção de detetive as preocupações e os elementos da ficção doméstica. Com isso, sua obra se volta para problemas de imoralidade e anomia, apresentando-os como crimes violentos que necessitam intervenção policial, como se vê nos seus outros romances de detetive, protagonizados por mulheres.

That affair next door, de 1897, introduz Amelia Butterworth, possivelmente a primeira investigadora da ficção de detetive norte-americana. Quando ela e Gryce comparam suas anotações, o detetive fica tão impressionado pelo aparente sucesso de sua auxiliar, que ele pensa em se aposentar. No entanto, nenhum dos dois consegue sozinho descobrir a identidade do assassino. Só quando eles se dispõem a trabalhar juntos é que conseguem fazer as deduções corretas. Gryce e Butterworth se complementam: ele é um *self-made man* de classe média; ela pertence à classe superior e é fundamentalmente moral (Maida, p. 65). O segundo livro, *Lost man's lane*, de 1898, se inicia com Butterworth mais uma vez numa relação de camaradagem com Gryce. A aliança dos dois se mostra não uma competição entre dois detetives, mas um sério comprometimento moral. Neste romance, o papel dele se reduz ao mínimo e Butterworth consolida sua reputação de detetive amadora. Por fim, *The circular study*, de 1900, mostra uma Butterworth que encontrou o seu caminho, perspicaz, segura de si e à vontade com Gryce. Como nos livros anteriores, os dois devem compartilhar suas habilidades para resolver o caso.

Além de Amelia Butterworth, Green criou Violet Strange, uma jovem nova-iorquina de família abastada que trabalha, em segredo, como detetive profissional para uma agência, algo impensável para alguém da sua classe social. Strange arrumou esse trabalho porque precisa juntar dinheiro para um projeto que é gradualmente revelado nas histórias. Ela é uma heroína típica de Green: desafia a família e, às escondidas, arranja meios de se tornar independente. Violet Strange é menos violenta e furtiva e tem aparência menos sinistra do que outras mulheres suspeitas que levam uma vida dupla nos textos de Green. Mas, tal como elas, Strange se rebela com determinação e intensidade, e é igualmente dissimulada e misteriosa. Por fim ficamos sabendo que ela está desafiando o pai e seu controle ditatorial sobre a família. Isso também é típico de Green, para quem o controle masculino sobre a família é a fonte de imenso sofrimento pessoal e social.

Embora Green tenha vivido numa época em que havia um movimento feminista em intensa atividade, ela não parece ter apoiado políticas e reformas em favor das mulheres. Patricia Maida revela que, diferentemente de Mary Roberts Reinhart, outra escritora de ficção de detetive e feminista militante, Green se opunha ao direito de voto para as mulheres. Por outro lado, sua

obra quase sempre dramatiza os problemas que as mulheres enfrentavam em seu tempo. Suas personagens enfrentam situações angustiantes causadas pelo controle masculino sobre suas vidas. As mulheres nas histórias de Green não buscam soluções políticas para seus problemas; em vez disso, elas se rebelam ferozmente em suas vidas pessoais e, em geral, encenam estratégias de conspiração que envolvem uma vida secreta e paralela. Essa rebelião costuma ser a maior motivação nos enredos de Green.

Muitas personagens femininas da escritora também lutam para obter sucesso em suas profissões. As oportunidades comerciais são mostradas como experiências felizes para as mulheres, como a relação que Violet Strange desenvolve com o seu empregador na agência de detetive. Ele dá grande valor ao seu trabalho e sempre tenta convencê-la a pegar outro caso. A relação de camaradagem e respeito entre eles tem uma dimensão – agora sim – política: nos textos de Green, quando as mulheres escapam de suas famílias e ingressam na sociedade capitalista, tornando-se produtivas, suas vidas se mostram agradáveis e recompensadoras.

Green considera a família uma instituição totalitária, especialmente pelo controle das mulheres exercido pelos parentes masculinos. Igualmente perniciosos, segundo ela, são os movimentos radicais, por tentar controlar as pessoas, principalmente as mulheres, repetindo a opressão familiar. Por outro lado, ela tem uma opinião positiva da sociedade, pelo menos da sociedade capitalista do seu tempo. Suas personagens são felizes quando escapam de suas famílias e tomam parte no mundo produtivo.

Na literatura de detetive doméstica de Green e Victor, o leitor experimenta tanto a expressão quanto a repressão de raiva assassina, traição sem limites e ganância calculista. Para o público de todas as classes, o atrativo pode estar na estrutura ficcional de vigilância e punição, mas também na violência e na paixão sendo investigadas. Embora o uso posterior do gênero, mais próximo de nós, seja a investigação de corrupção comercial e política pelos romances *hard-boiled* e *noir*, as primeiras escritoras norte-americanas escolheram a esfera doméstica como a área mais apropriada para a história de detetive e a área que mais necessita ser investigada. As narrativas de Victor e Green sobre vigilância íntima, é claro, não prescindem de conteúdo político e motivação histórica, mas isso é assunto para outro trabalho.

Para encerrar, gostaria de trazer para esta discussão um livro intitulado *Ladrões de palavras*, em que Michel Schneider estuda a questão do plágio na literatura, na psicanálise e no pensamento. Ele se interessa por essa disposição que consiste em “utilizar, sob seu nome, ideias e palavras de outros autores” (p. 32) e, mais fundamental, em não conseguir escrever sem que livros se interponham entre a mão e a página. Por meio da análise de plágios, pastiches e palimpsestos, ele aborda problemas como repetição, autoridade, prioridade, origem e propriedade. Schneider revisita casos particulares de “ladrões de palavras” como Montaigne, Pascal, La Fontaine, Burton, Shakespeare e Freud, entre outros, e traça o histórico da atitude do meio literário e do psicanalítico em relação ao plágio, nos informando que esse ato só começou a ser percebido como roubo a partir da metade do século 19.

Seria essa, talvez, outra razão para a semelhança entre as obras de Victor e Green não ter provocado reação nenhuma nos críticos e leitores da época: a ideia de que uma obra literária fosse propriedade do autor ainda não estava bem estabelecida. Assim, não me espantaria se alguém descobrisse uma autora de ficção de detetive anterior a Metta Victoria Fuller Victor e Anna Katharine Green, de cuja obra as duas autoras apresentadas aqui fossem devedoras, pois, como nos lembra Schneider, mas também Gérard Genette em *Palimpsestes* e Michel Serres em *Le parasite*, a literatura é feita de apropriações, plágios, roubos e outros crimes.

Referências

CARR, Felicia L. *American Women's Dime Novel Project*. Fairfax, VA: George Mason University. Disponível em: <<http://chnm.gmu.edu/dimenovels>>. Acesso em: 23 set. 2013.

GREEN, Anna Katherine. *The Leaventworth case*. Charleston: Bibliobazaar, 2006.

GREEN, Anna Katherine. *The mysteries of Amelia Butterworth: That affair next door, Lost man's lane and The circular study*. S.l.: Palmera, 2013. Kindle edition.

GREEN, Anna Katherine. *The golden slipper and other problems for Violet Strange*. S.l.: World Library Classics, 2009.

MAIDA, Patricia D. *Mother of detective fiction: the life and works of Anna Katharine Green*. Bowling Green: Bowling Green State University Popular Press, 1989.

NICKERSON, Catherine Ross. *The web of iniquity: early detective fiction by American women*. Durham: Duke University Press, 1998.

PELLICER, Rosa. Ricardo Piglia y el relato del crimen. In: GANCEDO, Daniel Mesa (coord.). *Ricardo Piglia: la escritura y el arte nuevo de la sospecha*. Sevilla: Secretariado de Publicaciones de la Universidad de Sevilla, 2006. p. 89-105. Disponível em: <books.google.com.br>. Acesso em: 23 jul. 2013.

PENZLER, Otto. A deadly month. *The New York Sun*, November 16, 2005. Disponível em: <http://en.wikipedia.org/wiki/Anna_Katharine_Green>. Acesso em: 21 jun. 2013.

SCHNEIDER, Michel. *Ladrões de palavras: ensaio sobre o plágio, a psicanálise e o pensamento*. Trad. Luiz Fernando P. N. Franco. Campinas: Editora Unicamp, 1990.

VICTOR, Metta Fuller. *The dead letter and The figure eight*. Durham: Duke University Press, 2003. Pseudônimo: Seeley Register.